

A PÁSCOA

A primeira coisa que gostava de fazer, ao iniciar estas linhas, era perguntar-te, se me permites, o que é que te faz lembrar esta palavra: “Páscoa”. Que é que esta palavra te sugere? Não andaremos muito longe da verdade se dissermos: visita pascal, compasso, férias, troca de prendas e de visitas, foliar, amêndoas e talvez ainda mais uma ou outra coisa, conforme as famílias e as tradições locais.

Tudo isto é verdade, não o podemos negar, mas fica muito aquém do essencial da Festa da Páscoa e que dá a razão de ser a tudo o que dissemos e toda a importância desta grande festa que todos os anos celebramos.

A Páscoa é a festa suprema dos judeus e dos cristãos. Nos judeus, para celebrar a libertação nacional deste povo da escravidão do Egipto; nos cristãos, para celebrar também mas a Ressurreição de Jesus Cristo.

Associada à celebração de uma e outra Páscoa está uma vítima que se imola em sacrifício. Na Páscoa judaica, a Páscoa antiga, um cordeiro ou um cabrito; na nova e eterna Páscoa, há uma vítima também: a pessoa de Jesus Cristo que voluntariamente se oferece e se deixa imolar por toda a humanidade.

Em si, a palavra “Páscoa”, de origem hebraica, significa “passagem”. Mas passagem de quê ou de quem e porquê? Na Páscoa judaica, a passagem do anjo exterminador que, na noite em que os judeus partiram do Egipto, matou todos os primogénitos dos egípcios, mas sem tocar nas casas dos israelitas marcadas com o sangue do cordeiro e também a passagem do Mar Vermelho pelos hebreus, a pé enxuto; na nova Páscoa, a passagem, causa e fundamento da nossa fé, razão de ser do nosso acreditar, é a da Morte à Vida, na Pessoa de Jesus Cristo. É por isso que dizemos: a Páscoa da Ressurreição do Senhor.

Vários são os acontecimentos da vida de Jesus relacionados com a festa da Páscoa judaica: entre outros, a peregrinação a Jerusalém, aos doze anos; o milagre das bodas de Caná e o da multiplicação dos pães. Mas o mais curioso e interessante é o facto de Jesus ter morrido por ocasião da festa da Páscoa judaica, primeiro, oferecendo-Se Ele próprio, sacramentalmente, na Última Ceia, no Cenáculo, e depois, no Monte Calvário, dando a vida por todos nós.

Assim, Jesus escolhe a celebração da Páscoa judaica para instituir a nova, a sua Páscoa, em que Ele é o verdadeiro “cordeiro sem defeito”, imolado pela salvação do mundo.

Em nós, há sempre Páscoa quando há Ressurreição, quer dizer, quando há “passagem”, sempre que renascemos para uma vida nova, pondo de parte o “homem velho” do pecado, revestindo-nos de sentimentos de bondade e de misericórdia, de bondade e de mansidão, de amor e de perdão, de justiça e de paz.

Para haver Páscoa em nós é preciso constantemente morrer para o pecado e constantemente viver para a vida da graça, numa tensão pascal permanente, numa Páscoa sem cessar.

Sê Páscoa.